

Gênero e Etnicidade nos Processos Identitários: reconfigurações da “cultura” e do “político” na contemporaneidade – ST 30  
Regina Marques Parente  
SMDHSU  
Palavras-chave: Raça - gênero - identidade

### **A criação da identidade negra**

O presente artigo analisa, a partir de uma pesquisa etnográfica<sup>i</sup>, os modos como as representações culturais de raça e gênero estão implicadas na criação da masculinidade dos homens negros que participam de um grupo religioso de afro-católicos, denominado de Maçambique de Osório, no município de Osório/RS. As problematizações examinadas neste artigo estão articuladas à perspectiva teórica dos Estudos Culturais e Estudos Feministas.

O Maçambique de Osório é um grupo religioso praticado por homens negros que, num ritual religioso, cantam e dançam em devoção à Nossa Senhora do Rosário, conhecida como a santa protetora e padroeira do grupo. Ele é constituído por algumas mulheres, sendo a principal integrante feminina, denominada pelo grupo de Rainha Ginga. Ela tem o poder de decisão e de comando sobre os assuntos referentes ao grupo. Apesar de ser aconselhada por alguns integrantes, a última palavra sobre as diferentes questões do grupo é dada por ela. O grupo também é composto pelo Rei Congo, os pajens do rei e da rainha e por outros integrantes com nomes de patentes militares como os capitães da espada, o chefe dos dançantes, a vara dos dançantes, as alferes da bandeira e os tamboreiros.

Todos os anos, no mês de outubro, ocorre no Município de Osório a festa em homenagem à Nossa Senhora do Rosário. Neste dia o grupo faz o seu ritual religioso em homenagem e agradecimento à santa, que inclui cantos religiosos, danças coreografadas, a novena, a missa e a coroação do casal de reis pelo padre na igreja matriz, a procissão, o churrasco servido no almoço e, à noite, o baile dançante.

No Maçambique de Osório, o corpo é naturalizado como forma de fixar determinadas representações culturais para delimitar o espaço destes sujeitos, (e principalmente o espaço dos sujeitos externos ao grupo), demonstrando quais os elementos que constituem a sua identidade específica.

Exemplo disto, é a brincadeira freqüente entre os rapazes do grupo de dar tapas na bunda, eles também brincam passando a mão na cabeça um do outro, mas somente são repreendidos, a ponto de serem chamados a atenção nos ensaios para a festa de N.Sr<sup>a</sup> do Rosário, quando tocam nas partes do corpo consideradas sexualizadas. Segundo um dos dançantes, a atitude dos rapazes de dar tapa na bunda é coisa de “gay, de bicha”<sup>ii</sup>, essa atitude não é aceita pela maioria dos

maçambiqueiros. Mesmo que os rapazes tenham o mesmo tipo de atitude, eles não se consideram gay, entre eles, esta prática é compreendida como uma forma brincadeira.

Durante uma conversa, em meio a dúvidas, os rapazes me explicaram com muito risos, numa forma jocosa que bicha poderia entrar no grupo. Segundo eles:

pode, pode sendo da raça, não temos preconceito contra bicha, quer dizer contra gay. Sendo preto pode. É homem igual, tem o bagulho lá debaixo, tem a voz. Se for da nossa cor acho que pode.

Neste exemplo, os integrantes do grupo utilizam as representações de gênero articuladas às representações sexuais e raciais. Neste sentido, ser homem ou mulher depende da forma como os maçambiqueiros estão vivenciando o entrecruzamento/atravessamento destas representações e, principalmente, ser homem negro também intervêm no modo como estas representações são compreendidas.

Do ponto de vista dos Estudos Culturais, a noção de representação não significa que o conhecimento está literalmente adequado à própria coisa, nem que a representação revela a coisa em si, mas ela institui e produz culturalmente o real. Segundo Silva (1999a), a representação “é a face material, visível, palpável, do conhecimento”. Esse autor argumenta que “os diferentes grupos sociais utilizam a representação para forjar a sua identidade e as identidades dos outros grupos sociais” (idem, p.47). A representação é um sistema de significação que dá inteligibilidade ao mundo e é composta no interior das relações de poder, que põem a funcionar ativamente aquilo que representam.

Incorporei raça como instrumento de análise por ser um termo muito freqüente entre os maçambiqueiros, pois ele deriva das suas relações sociais. Raça é um conceito importante para compreender em que medida ela é pertinente para a constituição do sentimento de pertencimento e de posicionalidade na identidade dos maçambiqueiros. Ao se nomearem e serem nomeados como negros, os maçambiqueiros estão instituindo uma forma de representação cultural que os constitui enquanto sujeitos masculinos negros. Embora raça, enquanto conceito biológico, não exista, ela é um construto social objetivado nas relações sociais e utilizada como critério para discriminar e diferenciar grupos sociais subordinados.

Gomes (2001, p. 84), argumenta porque no caso da análise das relações raciais no Brasil, o uso da categoria etnia torna-se inoperante. Segundo ela “quando se discute a situação do negro na sociedade brasileira, raça é ainda o termo mais adotado pelos sujeitos sociais. É também o que consegue se aproximar da real dimensão do racismo presente na sociedade brasileira”. Neste sentido, concordo a autoras, pois a substituição do termo raça por etnia para explicar como se

constituem os grupos sociais é uma redundância, porque etnia, ao contrário do que se pensava, não eliminou dos discursos e práticas a noção de raça nas relações sociais.

Durante minha conversa com os rapazes, o chefe dos dançantes, que possui uma forte influência sobre o grupo, apareceu e os rapazes perguntaram para ele se um gay poderia entrar no grupo. Ele explicou o seguinte, em meio aos olhares atentos dos rapazes que o escutavam:

Tudo que vocês sabem sobre este grupo é em louvor a Deus. O que é a Nossa Senhora do Rosário? É a mãe de quem? Então? Quem é Jesus? Jesus era gay? (Risos e responderam que não). Preconceito não tem, mas no caso eu, como chefe (dos dançantes) não aceitaria botar um gay lá dentro. No meu grupo eu não aceito. Se é prá bota um gay lá dentro eu botava uma mulher.

Há uma tentativa de separar outras sexualidades, que não a heterossexual, da religião afro-católica praticada pelos maçambiqueiros. Estrategicamente, o chefe dos dançantes utilizou a religião como um domínio oposto da sexualidade para excluir os homossexuais e ter um certo controle sobre a sexualidade dos maçambiqueiros.

Se por um lado as mulheres são excluídas por serem diferenciadas sexualmente, por outro, há um certo afrouxamento das fronteiras, pois o chefe dos dançantes disse que se é para entrar um gay, ele colocaria uma mulher no grupo. É possível perceber qual é a representação de feminino que está presente nas expectativas destes homens. Eles esperam que uma mulher não tenha a atitude de ser ativa na relação, dela esperam a passividade. A diferenciação entre homens, homem/gay e mulher é muito constante em suas conversas. Para os maçambiqueiros a mulher colocaria mais respeito e ordem entre os homens, com ela, nenhum homem teria coragem de tocar em outro, o que por outro lado, com a presença do gay, por esta estar ligada a um forte apelo sexual, não ocorreria.

A presença do gay poderia acarretar um perigo para este grupo, pelo seu caráter transgressor, corpo de homem com jeito e roupas de mulher, muito mais do que a presença feminina aceita e dominante em nossa sociedade. Há uma desvalorização dos homossexuais, que estão hierarquicamente abaixo das mulheres.

Desta forma, entendo que o relato dos maçambiqueiros sobre como devem comportar-se os homens negros num grupo religioso e a proibição da entrada de outros sujeitos, como por exemplo o gay, no grupo, demonstra o quanto representações biológicas de sexualidade, gênero e corpo estão imbricadas nas identidades destes sujeitos como uma estratégia de luta para demarcar os interesses pessoais e de grupo dos maçambiqueiros. Estas representações operam e se tornam fundamentais para a formação dos meninos que constituem o grupo. Os rapazes do Maçambique de Osório são educados a partir de determinadas práticas culturais que ensinam, repetidamente, a diferença entre os sexos. Neste sentido, concordo com Louro (1999) quando argumenta que gênero é relevante para se compreender como a educação está implicada na produção de um tipo de sujeito. O corpo parece sofrer uma vigilância constante no que se refere às relações de gênero e sexualidade. O controle

sobre as proximidades e os toques entre os corpos masculinos está relacionado às formas distinções sexuais, sendo portanto apontados como atitude feminina, de fraqueza ou de homossexual.

Ser gay não é concebido pelo grupo apenas como uma questão da ordem biológica, baseada nas diferenciações entre os sexos, mas é de ordem cultural. Para os rapazes o perigo deste ato é a possibilidade dele tornar qualquer homem em gay, pois segundo algumas falas dos integrantes do grupo, qualquer um pode sê-lo, é só ter prazer em ficar passando a mão na bunda um do outro. O contato mais íntimo com outro corpo do mesmo sexo pode transformar não o seu corpo, mas sim sua sexualidade, que sofreria um processo de perda da masculinidade e ficaria na ambigüidade entre aquele que é homem, mas quer ser mulher.

Creio, por isso, que no Maçambique todos os cuidados, olhares, restrições e incitações com e sobre o corpo, através da vigilância e controle para preservar a masculinidade enquanto território existencial deste grupo, busca criar, ao mesmo tempo, um sentimento em comum entre as identidades de raça, gênero e sexualidade dos maçambiqueiros.

A masculinidade não se garante por si só, ela necessita ser controlada, vigiada, ser exacerbada, exibida, tem que ser exercitada constantemente, pois se o sexo, entendido biologicamente garantisse a masculinidade, não haveria perigo de um maçambiqueiro se tornar gay e nem tanta necessidade de controle. A identidade do sujeito masculino não é construída fixamente: ele tanto pode ser hoje homem como, amanhã, ser gay.

Woodward (2000) afirma que, como processo, a identidade não ocorre sem a diferença, ela depende da diferença como um elemento formador do sistema de classificação e da demarcação de fronteiras culturais. A afirmação da identidade e da diferença racial e de gênero se dá através da relação entre o 'nós' (aquilo que somos, a unidade, o idêntico) e os outros (aquilo que não somos, o diferente, o desvio), numa luta pelo reconhecimento e legitimação na forma de ser representado.

Louro (1999, p.27) chama atenção para um aspecto fundamental nas relações de gênero. Segundo a autora:

Em nossa cultura, a manifestação da afetividade entre meninos e homens é alvo de uma vigilância muito mais intensa do que entre as meninas e mulheres. De modo especial, as expressões físicas de amizade e de afeto entre homens são controladas, quase impedidas, em muitas situações sociais. Evidentemente elas são codificadas e, como qualquer outra prática social, estão em contínua transformação.

Nesse sentido, compreendo o Maçambique de Osório como um espaço de produção cultural, um lugar pedagógico que, através de um determinado saber, intervêm no processo de formação da sexualidade e do corpo masculino negro. Nele se produz uma pedagogia cultural (Steinberg, 1997), que educa e contribui para construção de identidades e diferenças culturais de forma a produzir homens racializados e genereificados. A noção de pedagogia cultural não se restringe somente à

instituição escolar e sim como “um conjunto de estratégias e habilidades a serem empregadas para ensinar conteúdos prefixados” (Giroux, 1995, p.138).

Neste sentido, se é para passar a mão na bunda, então os meninos são incentivados, passar a mão no corpo de uma mulher, pois isto significaria um sinal de virilidade e de masculinidade.

Nesse sentido, hierarquizar as categorias acima referidas envolve naturalizar determinadas representações culturais. Assim, as relações dicotômicas têm como implicação a construção de uma identidade desejada, incentivada e reconhecida, mas naturalizada, ao mesmo tempo em que a diferença é excluída, deslegitimada e silenciada.

Existe jeito, postura, ou seja, uma atitude cultural que demarca homens e gays. No Maçambique de Osório os rapazes aprendem que seus corpos estão abertos para determinadas práticas e estão fechados para outras. Este corpo se abre para relações heterossexuais, para a virilidade, para demonstração de força, para a honra e a resistência, ao mesmo tempo que ele torna-se um corpo fechado para as relações sexuais com parceiros de mesmo sexo, para atitudes consideradas femininas, para a fraqueza.

Segundo Weeks (1999), a sexualidade é “*tanto um produto da linguagem e da cultura quanto da natureza. Nós nos esforçamos constantemente para fixá-la e estabilizá-la, para dizer quem somos ao contar a respeito de nosso sexo*” (p.70). O autor critica também a sociedade ocidental por atribuir tanta relevância à heterossexualidade, tida como a norma hegemônica a ponto de ser, segundo o autor “institucionalizada” e, assim, marginalizamos e excluímos a homossexualidade, vista como anormal. Para Weeks, tanto uma como a outra, são uma invenção da modernidade.

É interessante notar que as transformações biológicas, ou as de intervenções cirúrgicas, não mudam as representações culturais, continuam a se assentar sobre elas. Trata-se, antes, de construir o feminino e o gay, pelo olhar masculino, de demarcar o território masculino em relação a estes outros sujeitos. Por outro lado, há também um “tipo” feminino (a mulher “atirada”, ativa sexualmente) que é construída a partir da representação do gay. Em outras palavras, este sujeito exagera o feminino. Tudo isso faz do homossexual um transgressor. Assim, tanto o feminino como o gay são constituídos como fronteiras, como territórios que não devem ser atravessados pelos maçambiqueiros. Para que os maçambiqueiros construam a sua masculinidade eles precisam da representação do “outro” (a mulher e o gay).

O gay é um elemento paradigmático, ele fica fazendo a mediação entre o homem e a mulher, e também neste aspecto está o seu caráter de transgressão. Sua figura é ambígua, o ser “é quase” que difere da afirmação “é”. Ele rompe os modelos dicotômicos de masculinidade e feminilidade, que constituem a lógica deste grupo. Mas mesmo uma identidade gay também se constitui para o grupo sobre formas essenciais, com determinados “modelos” que fixam sua

representação. Gays não são concebidos como mulheres, mas são homens fisicamente com atributos femininos, ou seja, são homens afeminados, e isso os coloca num lugar inferior na escala hierárquica construída pelo grupo. Ele é o que quer ser, mas não é; porque, na representação destes rapazes, ele quer ser mulher mas está desprovido dos órgãos sexuais femininos.

Desse modo, o corpo parece sofrer uma vigilância constante no que se refere às relações de gênero e sexualidade. O controle sobre as proximidades e os toques entre os corpos masculinos está relacionado às distinções de gênero, sendo portanto apontados como atitude feminina ou de homossexual

Neste aspecto, no Maçambique de Osório o corpo é uma produção cultural, ele carrega marcas que os distingue dos demais corpos, forjando um certo jeito de ser homem, negro, heterossexual, descendente de escravos, devoto de Nossa Senhora do Rosário. Sobre ele é feito um aprendizado constante como deve ser um dançante da santa, pois através da dança ele se torna um corpo visível quando denominado como maçambiqueiro.

Através dele os maçambiqueiros fazem a mediação entre os devotos e a santa. É através deste corpo, que dança coletivamente para a santa, que se pedem em agradecimentos as graças alcançadas. Produzido discursivamente, este não é um corpo qualquer, ele é especial pois tem uma relação com o sagrado, ao mesmo tempo em que está vinculado à comunidade mais próxima e a uma série de representações raciais e de gênero. Para constituí-lo como um corpo, que tem relação com o sagrado, é preciso ter sobre ele uma prática pedagógica que o discipline e tenha um certo controle para mantê-lo diferenciado do demais corpos. É através, também, do corpo, que os maçambiqueiros produzem, de modo particular, as relações de identidade de raça e gênero.

O tipo de pensamento que sustenta e articula as relações entre os maçambiqueiros está vinculado à analogia que estes fazem entre o corpo e a construção do gênero. Eles operam com noções dicotômicas entre homens e mulheres, a partir das diferenças sexuais, que fazem parte da lógica que explica as relações de gênero neste grupo e também em outros.

Trata-se de uma pedagogia que torna possível criar, inventar uma identidade negra polarizada em oposições binárias, tais oposições operam em pólos, em que um lado é valorizado e define o outro, que é desvalorizado.

No Maçambique de Osório o corpo não é por si só matéria, ele é matéria criada, produzida e inventada discursivamente através da cultura.

Ser homem negro, muitos são, mas ser homem negro, dançante de Nossa Senhora do Rosário que reverencia um casal de reis e maçambiqueiro, nem todos são, porque estes predicados produzem as diferenças e estas não estão disponíveis, pois nem todos as compartilham.

Corpo, raça, sexualidade e gênero existem e se constituem, enquanto tais, discursivamente e pelas intervenções práticas. Suas representações são construídas e modeladas de modo específico e

exclusivo, através de regras e normas elaboradas culturalmente. Como vimos, foi possível perceber que, no grupo Maçambique de Osório, configurar-se homem, negro e heterossexual implica em compreender como as representações culturais produzem identidades e acarretam mudanças, tanto no modo de construir, relacionalmente, a masculinidade, quanto na produção de um corpo educado, no contexto de um ritual religioso, racializado, generificado e sexualizado.

## Referências

GIROUX, Henry, (1995). *Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Rio de Janeiro: Vozes. p. 132-158.

GOMES, Nilma Lino. *Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade*. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.). *Racismo e Anti-Racismo na Educação; repensando nossa escola*. São Paulo: Selo Negro, 2001, p. 83-96.

LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogias da sexualidade*. In: LOURO, G.(org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (1999). *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica.

STEINBERG, Shirley, (1997). *Kinder Cultura: a construção da infância pelas grandes corporações*. In: SILVA, Luiz Heron da, AZEVEDO, José Clóvis de, SANTOS, Edmilso dos (org.). *Identidade social e a construção do conhecimento*. Porto Alegre: SMED. p. 98-145.

WEEKS, Jeffrey. *O corpo e a sexualidade*. In. LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, Belo Horizonte; Autêntica, 1999.

WOODWARD, Kathryn, (2000). *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes. p. 7-72.

---

<sup>i</sup> Este artigo é resultado da pesquisa realizada em minha dissertação de mestrado *Maçambique de Osório: exílio de um reino negro na diáspora*, apresentada em fevereiro de 2000 no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da prof<sup>a</sup> dra. Guacira Lopes Louro.

<sup>ii</sup> Termo utilizado pelos maçambiqueiros.